Gil, Isabel Capelo (coord.), *Identidade Europeia: identidades na Europa*

Carlos Leone

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/327>

DOI: 10.4000/cultura.327

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 291-293

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Carlos Leone, « Gil, Isabel Capelo (coord.), *Identidade Europeia: identidades na Europa* », *Cultura* [Online], Vol. 28 | 2011, posto online no dia 17 maio 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/327> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.327>

Gil, Isabel Capelo (coord.), *Identidade Europeia: identidades na Europa*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2009

Carlos Leone*

Este pequeno volume (160 pp.) reúne as intervenções no colóquio com o mesmo título realizado na Faculdade de Ciências Humanas no ano de 2004. O habitual lapso de tempo prolongado entre estes encontros e a publicação dos seus resultados resulta, neste caso, interessante, atendendo às evoluções que se verificaram em tantos (todos?) os temas propostos pela organização desta conferência internacional e desenvolvidos pelos participantes (no caso da intervenção de José Cutileiro, esse lapso é abertamente explorado numa nota final à intervenção de 2004, um *post scriptum* de Abril de 2009).

Na sua estrutura, o volume subdivide-se em quatro secções: a primeira reincide no título do conjunto; a segunda é dedicada à «religião e sociedade na Europa»; a terceira trata de «memórias da Europa»; e a última oferece «olhares sobre a diversidade europeia» (nesta inclui-se o relatório final do encontro). Muito desiguais em extensão e número de textos, as secções distinguem-se também (mesmo sobretudo) pela acuidade dos seus respectivos temas. A primeira e a última das quatro secções são pela sua própria definição amplas e maleáveis; já a segunda e a terceira secções constituem núcleos comparativamente mais definidos e compreensivos dos seus temas, sem com isso se abdicar de perspectivas diversas. Isto mesmo é uma inevitabilidade em encontros deste tipo, e no texto de apresentação do volume a organizadora dá conta das perspectivas diferenciadas e do âmbito extenso aqui presentes: «Com enfoques diferenciados, e por vezes conflituais, as propostas debatem não apenas as formas diversas em que se grafa o conceito Europa e o modo como a UE com ela se relaciona, mas evocam igualmente sentidos díspares do próprio conceito identidade» (p. 8). Com efeito, e mais do que em torno de questões teóricas (comunitarismo, construtivismo, etc.), os textos percorrem com uma fluidez manifesta a distância entre Europa e União Europeia, isto é, exprimem em chaves distintas a reconfiguração em curso da identidade europeia numa forma institucional de União Europeia. A identidade, e as identidades que a prefiguram, são um problema, tanto prático como teórico, sendo o caso europeu único na evolução pacífica e progressiva que caracteriza a União.

* CHC da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O primeiro conjunto de textos debate a identidade europeia nos termos convencionais: o que é? A relação entre a identidade «da» e as identidades «na» Europa, a natureza do conceito «Europa», cultural ou geográfica, a estratégia da União (mesmo o seu «destino estratégico», no dizer de Manuel Braga da Cruz, cf. p. 14); enfim, os temas são amplos e impedem pela sua própria complexidade avanços cognitivos na sua discussão, apesar de intervenções de oradores tão qualificados como Durão Barroso, Ernâni Lopes e Andreas Staab, além do já referido Reitor da Universidade Católica Portuguesa.

Outro tanto pode ser dito da última secção, a qual no entanto se distingue pela originalidade que procura ao suscitar a perspectiva externa face à Europa. Mesmo que procurando essa perspectiva em europeus momentaneamente ausentes do «seu» continente, como nos casos do Embaixador José Cutileiro (à época acabado de voltar ao país, depois de três anos nos EUA) e do Almirante Nuno Vieira Matias (em intervenção baseada numa experiência profissional similar), trata-se de uma tentativa válida de romper com a retórica autocongratatória (e a sua gémea autocastigadora). Além destas intervenções, nesta secção agrupam-se também a reflexão de Roberto Carneiro sobre diversidade e acolhimento na Europa e a intervenção de Peter Preston sobre jornalismo na Europa, bem como o já mencionado relatório final do encontro, por Guilherme d'Oliveira Martins.

Já a segunda secção oferece uma reflexão sobre Religião e Sociedade na Europa a partir de perspectivas bem distintas. A de D. Manuel Clemente (historiador e Bispo do Porto), discorre sobre o tema a partir de instâncias várias, glosando controvérsias mais ou menos recentes à data da intervenção. Por outro lado, Christian Lange (deputado federal da Alemanha, SPD) discute casos concretos de opções e decisões políticas e jurídicas, de modo a enfatizar o pluralismo (aliás presente no título da sua intervenção) característico das sociedades modernas, reformadas e abertas. Dois textos aos quais se pode apenas lamentar a sua brevidade.

Mas a terceira secção, «memórias da Europa», é aquela que melhor ilustra a capacidade de iluminação mútua das intervenções em painéis bem estruturados e com intervenções de perfil contrastante e de nível equivalente. Önay Sözer, integrando a identidade europeia no quadro mais vasto da mundialização; Bernhard Giesen, diferenciando duas abordagens (constitucionalista ou memorialista) à problemática noção de uma identidade colectiva europeia; e Frieder Otto Wolf, radicando a identidade europeia numa dimensão de memória colectiva que, pela história europeia, é inevitavelmente controversa e tensa. Neste último texto pensa-se em perspectivas de uma «filosofia política de libertação» (p. 100) que evocam Hannah Arendt em *Between Past and Future* (intencionalmente ou não? Arendt não é referida) e escreve-se: «teremos de abordar a questão da identidade nos termos da capacidade de acção da “multidão”, dos muitos que devem encontrar a sua

coordenação em acções *em comum*, ainda que dentro da responsabilidade de *cada um*» (p. 101). Perspectivas mais construtivas e consequentes do que a retórica «altermundialista» sobre a multidão e o império, que tanto sucesso editorial e mediático obteve ainda recentemente.

Outro tanto se pode afirmar deste volume, que, apesar de discreto, é bem mais relevante do que muitos encontros em torno deste tema, hoje tão frequente.